

A vivacidade (*enárgeia*) no discurso “Defesa contra Símon”, de Lísias

The Vivacity (enargeia) in Lysias’s Speech “Defense Against Símon”

Yohanan de Queiroz

Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa | PB | BR

Yohanan.queiroz@academico.ufpb.br

<https://orcid.org/0009-0005-3103-4486>

Resumo: Dado que a persuasão constitui um dos objetivos centrais da arte retórica, os oradores utilizavam estrategicamente diferentes recursos retóricos para alcançar os efeitos desejados em seus discursos. Um desses elementos era a *enárgeia*, caracterizada como a representação vívida de pessoas, coisas e ações no discurso. Nesse trabalho, pretende-se, então, fazer uma análise linguística do discurso forense “Defesa Contra Símon”, de Lísias, a partir do conceito de *enárgeia* como técnica descritiva utilizada para promover a visualização dos argumentos de defesa do acusado. O objetivo da análise é evidenciar a importância dessa técnica nos discursos retóricos, mostrar como ela era empregada pelos oradores do Período Clássico e examinar de que modo Lísias utilizou a vivacidade para conquistar a atenção e a compreensão dos ouvintes em questão. Como suporte teórico deste trabalho, foram utilizadas a *Retórica* de Aristóteles, assim como alguns diálogos de Platão, para demonstrar o emprego da *enárgeia* em suas obras. Para a definição da *enárgeia*, foram utilizados alguns retóricos que se dedicaram a definir os conceitos dessa técnica; entre eles, Cícero e Quintiliano. A análise linguística foi feita a partir da tradução autoral do texto original em grego, assim como todas as citações teóricas utilizadas neste trabalho.

Palavras-chave: *enárgeia*; discurso forense; Lysias.

Abstract: Given that persuasion constitutes one of the central objectives of the rhetorical art, orators strategically employed different rhetorical devices

to achieve the desired effects in their speeches. One such element was *enargeia*, characterized as the vivid representation of people, things and actions in discourse. This study, therefore, seeks to conduct a linguistic analysis of Lysias' forensic speech "Defense Against Simon" based on the concept of *enargeia* as a descriptive technique aimed at promoting the visualization of the defendant's arguments. The purpose of the analysis is to highlight the importance of this technique in rhetorical speeches, to show how it was employed by orators of the Classical Period and to examine how Lysias used vividness to capture the listeners' attention and understanding. As the theoretical framework for this study, Aristotle's *Rhetoric* was used, as well as selected dialogues by Plato, in order to illustrate the use of *enargeia* in their works. For the definition of *enargeia*, several rhetoricians who devoted themselves to conceptualizing this technique – among them, Cicero and Quintilian – were consulted. The linguistic analysis was carried out based on the author's own translation of the original Greek text, as well as all theoretical quotations used in this research.

Keywords: *enargeia*; forensic discourse; Lysias.

A *enárgeia* como um ornato no discurso retórico

Um dos elementos da retórica é a *enárgeia*, que se caracterizava como uma representação vívida de algo descrito em um discurso. A *enárgeia* era uma técnica utilizada nos discursos oratórios com o propósito de causar na mente do ouvinte uma manifestação imagética. O termo *enárgeia* tem sua origem no grego *ενάργεια* e significa clareza, vivacidade. A primeira definição técnica da *enárgeia* foi apresentada no *Progymnasmata* (118, L 21-23), obra atribuída a Hélio Teão por volta do século I d.C., quando, ao falar da *écfrasis* (descrição), citou a *enárgeia* como uma de suas virtudes, tornando a *écfrasis* o meio para se alcançar a *enárgeia*. A definição foi dada da seguinte forma: "[...] estas são as virtudes da *ekphrasis*: a clareza, sobretudo, e a vivacidade de quase fazer ser visto o que está sendo relatado [...]"¹. Essa definição dada por Teão evidencia a principal característica

¹ "[...] ἀρεταὶ δὲ ἐκφράσεως αἶδε, σαφήνεια μὲν μάλιστα καὶ ἐνάργεια τοῦ σχεδὸν ὁρᾶσθαι τὰ ἀπαγγελλόμενα [...]" . Todas as traduções do grego e do latim são autorais.

da *enárgeia*: a de colocar o discurso perante os olhos de quem ouve, por meio da vividez descritiva e da clareza do discurso.

Embora o conceito da *enárgeia* ainda não tivesse sido cristalizado, o emprego dessa técnica esteve presente muito antes nas obras de Platão, no século IV a.C. Em seu diálogo *Fédon* (83c), o Platão, ao descrever a sensação da alma diante das paixões, traz uma ideia de vividez perceptiva por meio do emprego do termo *ἐναργέστατον*, um superlativo do adjetivo *ἐναργής*, para transmitir a ideia de algo visível, evidente: “[...] porque a alma de qualquer homem é forçada, ao mesmo tempo, a sentir grande contentamento e afligir-se por algo e a julgar que aquilo pelo qual ela é mais afetada é o mais vívido e o mais verdadeiro [...]”². Nessa passagem, embora a *enárgeia* seja utilizada para tratar da vividez daquilo que provoca afecções na alma, e não propriamente da vividez discursiva, é possível compreender o emprego do termo como indicativo de algo que confere vivacidade ou torna um objeto perceptivelmente vívido. Já no diálogo *Político* (277c), o termo específico *ἐνάργειαν* é empregado de modo mais próximo ao sentido retórico de vivacidade, ao estabelecer-se uma comparação entre o discurso e a arte da manufatura, pois assim como o artesão dá forma visível à matéria, o discurso bem elaborado busca tornar os argumentos claros e perceptíveis aos olhos do ouvinte:

o nosso discurso aparenta ter de maneira suficiente um contorno, como, por exemplo, a imagem de um ser vivo. Por outro lado, ele não recebeu a vivacidade (*ἐνάργειαν*) da tintura e a combinação da escala cromática de um desenho. Mas, para quem é capaz de acompanhar (as ideias), é mais conveniente mostrar pela palavra e pelo discurso um ser vivo inteiro do que por um trabalho manual em geral. No entanto, para outros convém apenas mostrar pela manufatura (Pl. Pol. 277c, tradução própria).

[277c] ὁ λόγος ἡμῖν ὥσπερ ζῶον τὴν ἔξωθεν μὲν περιγραφὴν ἔοικεν ἱκανῶς ἔχειν, τὴν δὲ οἷον τοῖς φαρμάκοις καὶ τῇ συγκράσει τῶν χρωμάτων ἐνάργειαν οὐκ ἀπειληφέναι πω. γραφῆς δὲ καὶ συμπάσης χειρουργίας λέξει καὶ λόγῳ δηλοῦν πᾶν ζῶον μᾶλλον πρέπει τοῖς δυναμένοις ἔπεσθαι· τοῖς δ’ ἄλλοις διὰ χειρουργιών (Pl. Pol. 277c).

Platão, comparando o seu discurso com a arte da manufatura, enfatiza que o primeiro falha na representação fiel do objeto, não recebendo a vivacidade (*ἐνάργεια*) que o objeto esculpido em artesanato transmite através de detalhes e

² “ὅτι ψυχὴ παντὸς ἀνθρώπου ἀναγκάζεται ἅμα τε ἡσθῆναι σφόδρα ἢ λυπηθῆναι ἐπὶ τῷ καὶ ἡγεῖσθαι περὶ ὃ ἂν μάλιστα τοῦτο πάσῃ, τοῦτο ἐναργέστατον τε εἶναι καὶ ἀληθέστατον [...]” (Pl. Fed. 83c).

cores. Para ele, o discurso (λόγος³) é composto de argumentos lógicos, não contendo detalhes e traços vívidos de cores tal como na arte. No entanto, para os que são capazes de serem conduzidos pelo discurso, é bem melhor representar o objeto através dele; para os que não são capazes de acompanhar o raciocínio, é melhor representar através da manufatura do artesanato. Desse modo, o filósofo coloca o λόγος como superior, pois este consegue fazer a representação de algo através do pensamento advindo do discurso, sem necessitar pôr cores ou representar uma forma esculpida. Na verdade, essa oposição trata-se de uma denúncia que o filósofo aplica ao discurso empolado e “colorido” dos retóricos.

Aristóteles, em sua *Retórica*, não cita o termo técnico da *enárgeia*, mas alude sobre a ação de pôr diante dos olhos (“πρὸ ὀμμάτων ποιεῖν”) o que é dito, ou seja, as palavras representadas imagetivamente na mente dos ouvintes, por meio do emprego de algumas analogias: “Em verdade, o que é elegante é anunciado a partir da metáfora e da analogia, e de colocar diante dos olhos o que é dito, conforme já mencionado”⁴. No argumento de Aristóteles, percebe-se que os oradores empregavam em seus discursos a metáfora como uma estratégia para tornar o discurso vívido aos ouvintes. A *enárgeia* representa a ação de o discurso ser posto diante dos olhos, pois, ao ser empregada, transmite vivacidade a ponto de presentificar as palavras como uma formação de imagens na mente de quem ouve, o que faz o ouvinte sentir-se como se as ações estivessem desdobrando-se diante de seus olhos. Dessa forma, a metáfora empregada pelos oradores é um dos recursos para promover a *enárgeia* (vivacidade) no discurso.

Muito antes de Platão e Aristóteles, já era visto o emprego da *enárgeia* no Período Arcaico, nas obras de Homero. Ao observarmos a descrição do escudo de Aquiles no canto XVIII da *Ilíada*, percebe-se a vivacidade na forma como o poeta descreve o objeto e todos os elementos contidos nele:

Cinco eram as dobras do mesmo escudo; e nele elaborou numerosas obras de arte com excelente habilidade. Nele, sem dúvida, forjou a terra, o céu e o mar; o sol incessante e a lua cheia; e todas as constelações, que

³ Λόγος não como a fala ou o diálogo, mas como a faculdade de raciocinar, de levar à razão de algo. O λόγος é comumente atribuído ao discurso ou à palavra; os teóricos a utilizam como a palavra que conduzia a uma razão (raciocínio).

⁴ “Ὅτι μὲν οὖν τὰ ἀστεῖα ἐκ μεταφοράς τε τῆς ἀνάλογον λέγεται καὶ τῷ πρὸ ὀμμάτων ποιεῖν, εἴρηται” (Arist. Rh. III, 11, 1411b).

o céu circundava: as Plêiades, as Híades e o poderoso Órion; [...] Nele confeccionou belas cidades de homens mortais, Em uma havia celebração de bodas com banquetes: as noivas conduziam do tálamo com tochas resplandcentes para a cidade, muitos entoavam cantos nupciais (Hom. *Il.* XVIII, tradução nossa).

*Πέντε δ' ἄρ' αὐτοῦ ἔσαν σάκεος πτύχες αὐτὰρ ἐν αὐτῷ ποίει δαίδαλα
πολλὰ ἰδυίησι πραπίδεςσιν. ἐν μὲν γαῖαν ἔτευξ', ἐν δ' οὐρανόν, ἐν δὲ
θάλασσαν, ἡέλιόν τ' ἀκάμαντα σελήνην τε πλήθουσας, ἐν δὲ τὰ τείρεα
πάντα, τὰ τ' οὐρανὸς ἐστεφάνωνται, Πληϊάδας θ' ὕαδας τε τό τε σθένος
Ὠρίωνος [...] ἐν δὲ δύοίη πόλεις μερόπων ἀνθρώπων καλὰς. ἐν τῇ
μὲν ῥα γάμοι τ' ἔσαν εἰλαπίναι τε, νύμφας δ' ἐκ θαλάμων δαΐδων ὕπο
λαμπομενάων ἡγίνεον ἀνὰ ἄστρῳ, πολὺς δ' ὑμέναιος ὀρώρει*
(Hom. *Il.* XVIII).

De fato, Homero descreve de forma tão vívida não apenas os detalhes estáticos, como as dobras do escudo e a pintura do céu e das constelações, mas também os detalhes dinâmicos, como as ações narradas da arte esculpida no objeto: as celebrações nupciais, as noivas saindo do tálamo com tochas acesas, os cidadãos entoando os cantos nupciais. Segundo Aparício e Polo (2013, p. 31⁵):

A descrição começa pelo centro do escudo, o espaço dedicado aos astros e às constelações. Depois avança pelo que seriam as franjas circulares congruentes até chegar à borda, onde se representa o oceano, que rodeia o mundo. É muito notável como a descrição de cada cena vai sendo introduzida por meio de ἐν δέ, seguido de diversos verbos que se referem à execução da decoração e com cuja variação semântica e temporal o autor faz uso: *τεῦξε* para a cena celeste (483); *ποίησε* (490) para as cenas das duas cidades, a cidade em paz e a cidade em guerra (Aparício; Polo, 2013, p. 31).

⁵ “(438-9) Se entiende habitualmente que la descripción comienza por el centro del escudo, el espacio dedicado a los astros y las constelaciones. Luego avanza por lo que serían franjas circulares concéntricas hasta llegar al borde (607-8), donde se representa el Océano, que rodea al Mundo. Es muy notable como la descripción de cada escena se va introduciendo por medio de ἐν δέ, seguido de diversos verbos que se refieren a la ejecución de la decoración y con cuya variación semántica y temporal el autor ha jugado: *τεῦξε* para la escena celeste (483); *ποίησε* (490) para las escenas de las dos ciudades, la ciudad en paz y la ciudad en guerra” (Aparício; Polo, 2013, p. 31).

De modo resumido, o impacto causado pela descrição vivaz do poeta faz com que o leitor/ouvinte tenha diante de si não apenas uma obra de arte esculpida por Hefesto, mas também a visualização dos eventos.

Além do emprego dessa técnica na poesia épica, ela também foi empregada nos textos teatrais, principalmente em episódios marcados por discursos narrativos, como nas cenas de *páthos*, representadas no palco por atores. Assim, sendo o objetivo central da peça teatral produzir uma representação visual da ação diante de um auditório que a presencia no palco, o ator procurava, no momento de uma narração, assegurar que a descrição dos acontecimentos mantivesse os ouvintes na posição de espectadores. Ora, considerando que o período de consolidação do teatro trágico na Grécia Clássica era ainda marcado por uma forte cultura oral, a representação exclusivamente verbal dessas cenas não comprometia a força dramática da performance. Assim, percebe-se que a promoção da vivacidade constituía o recurso fundamental na construção dessas passagens.

Aristóteles (1453b7), em sua *Poética*, argumenta sobre a possibilidade de visualização das ações de uma tragédia por meio da leitura de seu enredo:

É preciso que o enredo seja ordenado de tal forma que, mesmo sem ver, quem escuta as ações que aconteceram sinta temor e compaixão por causa do ocorrido: isso sentiria qualquer pessoa que escutasse o mito de Édipo (Arist. *Poet.* 1453b7, tradução nossa).

δεῖ γάρ καὶ ἄνευ τοῦ ὁρᾶν οὕτω συνεστάναι τὸν μῦθον ὥστε τὸν ἀκούοντα τὰ πράγματα γινόμενα καὶ φρίττειν καὶ ἐλεεῖν ἐκ τῶν συμβαινόντων: ἅπερ ἂν πάθοι τις ἀκούων τὸν τοῦ Οἰδípου μῦθον (Arist. *Poet.* 1453b7).

De fato, o enredo de Sófocles era considerado tão bem construído que o próprio autor da *Poética* o citava em sua obra como um paradigma de peças trágicas. Para o poeta, a composição da cena deveria ser produzida de modo a promover sua visualização pelo próprio autor da obra, que operava uma visualização em performance. Assim, o poeta trágico visualizava a cena antes e fazia o auditório também enxergá-la na encenação.

Entre os historiadores, a *enárgeia* também foi objeto de estudo. Martinho Soares afirma que:

Os historiadores antigos tinham por hábito conferir a assertividade e autoridade às suas narrativas históricas, insuflando vividez pictórica, de modo a gerar impacto emocional e visual na mente dos ouvintes ou leitores. Este processo é frequentemente mencionado nos antigos

manuais de retórica sob a designação de *enárgeia* e era comum não só em historiadores como também entre poetas e oradores. É da epopeia Homérica que nos vêm os exemplos mais antigos. Ora, no caso da historiografia, longe de minar a confiança do leitor, a *enárgeia* contribuía para aumentar a credibilidade do relato, na medida em que aproximava a observação indireta do leitor da observação direta (autópsia) do historiador ou da testemunha (Soares, 2011, p. 2).

A partir da visão de Soares, pode-se conjecturar que o emprego da *enárgeia* nos textos historiográficos tem por objetivo deixá-los mais fidedignos, visto que a história narra apenas fatos ocorridos no passado, ou seja, descreve o que já ocorreu. Assim, produzindo imagens do relato histórico por meio da *enárgeia*, o historiador poderia alcançar a credibilidade do leitor ao presentificá-lo. Dessa forma, o uso da *enárgeia* tornaria o ouvinte/leitor mais suscetível a apelar à sua imaginação e, por conseguinte, à sua disposição emocional. Uma informação importante pode ser retirada da *Poética* (1451bl, 36-47), quando Aristóteles, ao opor a poesia à história, afirma que elas se diferem porque uma diz as coisas que sucederam (história), já a outra diz o que poderia suceder (poesia). Nesse sentido, entende-se que, para o filósofo, a poesia não representa fatos verídicos, mas os que são prováveis de acontecer. Entretanto, seja na poesia, seja na história, a *enárgeia* produz seus efeitos visando trazer autenticidade ao que se relata. É comum também aos historiadores utilizarem o presente histórico como uma forma de presentificação dos acontecimentos.

Essa técnica constituía um importante instrumento de persuasão nos discursos judiciais, pois buscava garantir a credibilidade dos eventos. Entre os oradores judiciais, Lísias, como logógrafo, utiliza essa técnica em seus discursos forenses. Da mesma forma, Cícero a utiliza em seus manuais de retórica. Este último a definiu como *evidentia*, um substantivo feminino que significa evidência ou clareza. Na obra *Retórica a Herênio*, atribuída a Cícero, o autor retrata a *enárgeia* como *demonstratio*, para explicar a reação causada no ouvinte por meio do emprego da *enárgeia*. Ele afirma: “[...] há demonstração quando um acontecimento é expresso por palavras de tal modo que parece fazer surgir um evento e ficar diante dos olhos”. Quintiliano, por sua vez, diz que o efeito de o discurso ser posto diante dos olhos – “*sub oculo subiectio*” (Quint. *Inst.* 9.2.40–43)⁷ – ocorre

⁶ “*Demonstratio est, cum ita uerbis res exprimitur, ut geri negotium et res ante oculos esse uideatur*” (IV, 68).

⁷ “*Illa vero, ut ait Cicero, sub oculos subiectio tum fieri solet, cum res gesta indicatur, sed*

quando o discurso é detalhadamente descrito. Para Quintiliano, a vivacidade é percebida no discurso quando o orador descreve em detalhes a ponto de fazer o ouvinte ver, diante dos seus olhos, toda a cena narrada. A narrativa descritiva do objeto ou pessoa no discurso pelo orador é o que transforma o relato persuasivo de forma a conquistar o olhar do ouvinte. O orador detalha com suas palavras cada momento da narrativa, seja de lugar, objeto, pessoa ou coisa, fazendo com que fique diante dos olhos ou penetre a mente de quem ouve.

Dionísio de Halicarnasso, em sua obra “Sobre Lísias” (D.H. *Lys.* 7.1)⁸, também se aproxima dessa visão ao falar da *enárgeia* e usa as seguintes palavras: “esta é certa capacidade que conduz à percepção sensível o que é dito, e nasce da recepção de quem acompanha o discurso” (D.H. *Lys.* 7.1). Segundo Dionísio, para que a *enárgeia* produza seu efeito e o discurso seja apreendido pelo ouvinte, não basta que o orador o formule com habilidade; é necessário que o ouvinte também permaneça atento e se deixe conduzir pelas palavras.

2 Discurso de Lísias “Defesa Contra Símon” (“πρὸς Σίμωνα ἀπολογία”⁹)

Trata-se de um discurso judiciário, no qual o orador se defende de uma acusação de ferimento premeditado ou praticado com intenção de matar. Na cultura ateniense, esse tipo de crime era considerado de extrema gravidade, sendo punido, em caso de condenação, com o exílio e a confiscação dos bens do réu. Segundo Todd (2000, p. 42), tal delito, em Atenas, estava sujeito às mesmas regras processuais especiais aplicadas aos crimes de homicídio.

O acusado é apresentado como um homem de idade avançada e responde pela acusação de tentar matar Símon, o acusador, utilizando como arma um caco de cerâmica. O que deve ser levado em consideração nesse crime não é o ato de ferir, mas a intenção pelo qual foi realizado, ou seja, a de tirar a vida, um crime premeditado. Dessa forma, o acusado apresenta um discurso de defesa contra a

ut sit gesta ostenditur, nec universa, sed per partes; quem locum proximo libro subiecimus evidētiaē, et Celsus hoc nomem isti figurae dedit” (Quint. *Inst.* 9.2.40-43).

⁸ “αὕτη δ’ ἐστὶ δύναμις τις ὑπὸ τὰς αἰσθήσεις ἄγουσα τὰ λεγόμενα, γίγνεται δ’ ἐκ τῆς τῶν παρακολουθούντων λήψεως” (D.H. *Lys.* 7.1).

⁹ O termo ἀπολογία pode ser traduzido como “defesa” ou “discurso” de defesa. A preposição πρὸς junto ao acusativo transmite o sentido de “a”, “para”, “sob”, “contra”. Dessa forma, optei por traduzir “πρὸς Σίμωνα ἀπολογία” por “Defesa Contra Símon”, já que o discurso se trata de uma defesa do acusado em relação às acusações de Símon.

acusação realizada por Símon na tentativa de não apenas ser inocentado, como também levantar uma acusação contra o seu delator.

Os dois indivíduos, Símon e o acusado, tiveram conflitos no passado, pois ambos eram apaixonados por um jovem escravo platense chamado Teódoto. Lísias inicia seu discurso com indícios que levam os ouvintes a crerem que o acusador não era um homem de caráter confiável, pondo à prova seu ἦθος (caráter moral) apresentado como agressivo e cheio de vícios. O orador, por outro lado, era um homem tímido, segundo ele próprio; embora estivesse com vergonha de expor seu romance homossexual perante todos, não era um agressor, e todos os seus atos teriam sido de legítima defesa.

Essa obra integra um conjunto de mais de trinta discursos de Lísias que chegaram até os dias atuais, sendo tradicionalmente numerada como o terceiro entre os trinta e cinco discursos atribuídos ao autor. Lísias foi um orador que viveu aproximadamente entre 445 e 380 a.C., residente em Atenas na condição de meteco, o que lhe impedia o exercício pleno da cidadania ateniense.

O autor exerceu o ofício de logógrafo, atividade por meio da qual obtinha sustento ao redigir discursos judiciais para terceiros. Contudo, a logografia nem sempre constituiu seu principal meio de subsistência. Lísias, outrora, já havia atuado como oficial e tinha considerável riqueza e prestígio social. No entanto, por volta dos anos 404-403 a.C., durante o governo dos Trinta Tiranos, instaurado após a Guerra do Peloponeso, teve seus bens confiscados sob acusação de traição, juntamente a seu irmão Polemarco. Este foi executado, enquanto Lísias conseguiu escapar, exilando-se em Mégara.

Após a restauração da democracia ateniense, Lísias retorna a Atenas e passa a compor discursos para litigantes. Os discursos por ele elaborados tinham como finalidade defender o réu de acusações apresentadas diante do júri nos tribunais atenienses, como se observa no discurso “Contra Eratóstenes”, que consiste em uma defesa contra uma acusação de homicídio. Nesse discurso, evidenciam-se algumas características das leis atenienses, como a tipificação da traição e do ferimento premeditado, além de outros aspectos igualmente presentes no discurso “Defesa contra Símon”. Entre os crimes abordados nos discursos de Lísias, destacam-se os crimes contra o Estado, a lesão dolosa e os crimes de suborno.

Dessa forma, à época em que Lísias compôs seus discursos, ainda não existia a figura do advogado profissional. O logógrafo, portanto, desempenhava o papel de defensor ao redigir os discursos utilizados pelos cidadãos da pólis nos tribunais, quando estes se encontravam na condição de litigantes. Com o objetivo de

persuadir o júri a declarar a inocência dos réus, Lísias estruturava suas defesas por meio de narrativas vívidas, nas quais buscava demonstrar a inocência do acusado por meio da construção do caráter (*ethopoia*) dos cidadãos envolvidos no caso. Conforme observa Todd em sua obra *A Commentary on Lysias* (2000, Série XVII): “Lísias é particularmente conhecido por suas narrativas vívidas e por sua *ethopoia* ou “criação de caráter”. Para o autor, é por meio desse estilo que Lísias se consolidou como modelo de clareza e vivacidade.

2. 1 Presença da *enérgeia* no discurso “Defesa Contra Símon”

Como já fora dito e expresso por Martinho Soares (Soares, 2011), a *enérgeia* contribui para aumentar a credibilidade do relato, na medida em que aproxima a observação indireta do leitor à observação direta (autópsia) do historiador ou da testemunha. Isso é possível ser observado no discurso de Lísias, de modo que os fatos são narrados com clareza e de forma descritiva com o propósito de persuadir o ouvinte a crer que o caso era verídico, interferindo então na decisão do júri. Nesse discurso de defesa, o orador argumenta fazendo a descrição dos fatos ocorridos, para refutar a acusação de Símon: “[...] informado de que o rapaz estava em minha casa, chegou bêbado lá à noite [...]” (“[...] *πυθόμενος γὰρ ὅτι τὸ μειράκιον ἦν παρ’ ἐμοί, ἐλθὼν ἐπὶ τὴν οἰκίαν τὴν ἐμὴν νύκτωρ μεθύων*”) (Pl. *Lys.* 6). Primeiramente o orador molda o *ethos* do personagem através do particípio *μεθύων* (“embriagado, bêbado”) junto ao verbo *ἐλθὼν* (“vir”, “chegar”). Por meio dessa construção, ele prepara os ouvintes para esperar atitudes condizentes com o estado do personagem, uma vez que, ao mencionar que chegou bêbado à casa do acusado, ele busca mudar o alvo do julgamento, pois essa característica demonstra uma incapacidade de autocontrole por parte de Símon, evidenciando os vícios e a falta de moderação nas ações.

Dando continuidade à fala, ele relata as ações simultâneas que comprovam o caráter de Símon: “[...] arrombou as portas e entrou no gineceu, onde estavam minha irmã e minhas sobrinhas, que vivem com tanta decência a ponto de se envergonhar de serem vistas pelos parentes” (“[...] *ἐκκόψας τὰς θύρας εἰσῆλθεν εἰς τὴν γυναικωνῖτιν, ἔνδον οὐσῶν τῆς τε ἀδελφῆς τῆς ἐμῆς καὶ τῶν ἀδελφιδῶν, αἱ οὕτω κοσμίως βεβιώκασιν ὥστε καὶ ὑπὸ τῶν οἰκεῖων ὀρώμεναι αἰσχύνεσθαι*”) (Pl. *Lys.* 6). O orador faz uso de alguns verbos que indicam ações simultâneas e movimentos bruscos do acusador após ter chegado bêbado ao local. Essas ações são expressas pelos verbos *ἐκκόψας* (“arrombar”), que tem como complemento o acusativo *τὰς θύρας* (“as portas”), e pelo verbo *εἰσῆλθεν* (“adentrar”, “penetrar”), que tem como complemento o subs-

tantivo *γυναικωνίτιν* (“gineceu”). Desse modo, já se percebe a violência com a qual Símon adentra o recinto. Essas atitudes demonstram um comportamento agressivo e criminoso de invasão de propriedade privada. Além disso, o acusador não penetrou em qualquer cômodo da casa, mas no gineceu, aposento das mulheres.

Outra característica que evidencia a intenção do orador em mudar o alvo da acusação para Símon é citar outras vítimas de sua importunação: a irmã e as sobrinhas que estavam no gineceu. Para intensificar a agressão cometida por Símon, o orador traz à evidência as características das vítimas “[...] que vivem tão respeitavelmente que se envergonham até de serem vistas pelos próprios parentes” (“[...] αἱ οὕτω κοσμίως βεβιώκασιν ὥστε καὶ ὑπὸ τῶν οἰκείων ὀρώμεναι αἰσχύνεσθαι”). Ao mencionar a fragilidade das mulheres que estavam no gineceu, o orador busca intensificar o dano causado por Símon, pois elas se envergonham de serem vistas até pelos familiares. Assim, o ato de um estranho adentrar o recinto, que era um ambiente apenas de mulheres, caracteriza o denunciante como um homem de má índole, incapaz de respeitar até mesmo donzelas indefesas, invadindo sua casa de forma desonesta. Ao abordar a ocorrência de modo descritivo, o orador busca fazer com que o conselho mude o alvo a ser julgado, passando então o acusado a não ser mais visto como um réu por crime premeditado e sim como vítima, que atuou em legítima defesa diante das atitudes consideradas criminosas de Símon.

O réu dá seguimento ao seu testemunho de defesa, no qual é possível perceber a *enérgeia* na forma como revela sequencialmente o que se passou após a invasão de Símon: “[...] este, então, veio para dentro, com tal modo de insolência que não quis ir embora antes que aqueles que estavam presentes e os que tinham vindo com ele, julgando que ele fazia coisas terríveis ao avançar contra jovens moças e órfãs, expulsassem-no à força” (“[...] οὗτος τοίνυν εἰς τοῦτο ἦλθεν ὕβρεως ὥστ’ οὐ πρότερον ἠθέλησεν ἀπελθεῖν, πρὶν αὐτὸν ἡγούμενοι δεινὰ ποιεῖν οἱ παραγενόμενοι καὶ οἱ μετ’ αὐτοῦ ἐλθόντες, ἐπὶ παῖδας κόρας καὶ ὀρφανὰς εἰσιόντα, ἐξήλασαν βίᾳ”) (Pl. *Lys.* 7). Primeiro, inicia com um comentário que gera ansiedade nos que estão ouvindo e julgando o relato, ao empregar o genitivo ὕβρεως (“insolência”, “violência”) e a conjunção ὥστε (“de tal modo”, “da mesma forma”) como uma caracterização que indica o pensamento do réu sobre os atos de seu acusador. Em seguida, ele descreve quais foram esses atos através dos verbos οὐ ἠθέλησεν (“não querer”, “não desejar”), que junto ao ἀπελθεῖν (“ir embora”, “voltar”) constroem a expressão “não quis ir embora”, ou seja, não desistiu de importunar os que estavam na casa.

Em seguida, ele ainda causa mais impacto ao relatar que o invasor “[...] fazia coisas terríveis ao avançar contra jovens moças e órfãs” (“ἐπὶ παῖδας κόρας καὶ

ὄρφανὰς εἰσιόντα”) (Pl. Lys. 7). Através dessa descrição, o acusado traz evidência não só ao crime de arrombamento das portas da casa, mas também à invasão ao quarto das mulheres, atitude considerada desonrosa na cultura grega, pois o gineceu¹⁰ era o espaço reservado apenas para mulheres e crianças, sendo proibida a entrada de homens. Além disso, Símon estava tão incontrolável a ponto de ser necessário que outros que presenciaram tais ações o expulsassem (ἐξήλασαν) à força (βίᾳ). E continua seu relato: “[...] mas tampouco lhe foi conveniente arrepender-se de suas insolências, que, descobrindo onde comíamos, praticou a mais estranha e desleal de todas as ações, para quem não conheceu a sua loucura” (“[...] καὶ τοσούτου ἐδέησεν αὐτῷ μεταμελῆσαι τῶν ὑβρισμένων, ὥστε ἐξευρὼν οὐκ ἐδειπνοῦμεν ἀτοπώτατον πρᾶγμα καὶ ἀπιστότατον ἐποίησεν, εἰ μὴ τις εἰδείη τὴν τούτου μανίαν”) (Pl. Lys. 7). O orador provoca nos ouvintes não só a representação imagética daquilo que estava a relatar, mas também curiosidade em saber dos acontecimentos subsequentes, através da expressão “praticou a mais estranha e desleal de todas as ações” (“ἀτοπώτατον πρᾶγμα καὶ ἀπιστότατον ἐποίησεν”). Desse modo, empregou a hipérbole por meio dos superlativos ἀτοπώτατον (“estranho”, “insólito”) e ἀπιστότατον (“desleal”, “infiel”), a fim de captar a atenção dos ouvintes e impressioná-los com relação à ação de Símon, pois não era apenas estranha e desleal, mas, dentre todas, excedia-se. Essa técnica de empregar analogia era comum nos discursos retóricos, como já fora mencionado por Aristóteles, na *Retórica* (III, 10, 11, 1411a, 1411b); o emprego da analogia como um importante elemento para pôr sob os olhos dos ouvintes aquilo que era dito.

Mais uma vez, podemos ver a vivacidade no seguinte trecho: “[...] de dentro, tendo me chamado para fora, assim que rapidamente saí, imediatamente pôs-se a me golpear e, quando o afastei, ele ao ter recuado lançou pedras em mim” (“[...] ἐκκαλέσας γάρ με ἔνδοθεν, ἐπειδὴ τάχιστα ἐξῆλθον, εὐθύς με τύπτειν ἐπεχείρησεν: ἐπειδὴ δὲ αὐτὸν ἡμυνάμην, ἐκστὰς ἔβαλλέ με λίθοις”) (Pl. Lys. 8). Nessa descrição, é possível perceber a presença da *enárgeia* na forma como o orador narra os fatos sequencialmente, descrevendo todas as ações do momento ocorrido. Ele descreve com precisão os movimentos, tanto do agressor quanto da vítima, de modo que quem está ouvindo o discurso de defesa acompanhe as ações e seja induzido a acreditar no relato como verídico. A primeira ação foi expressa pelo verbo ἐκκαλέσας (“atrair”, “chamar”, “invocar”); em seguida, há o verbo ἐξῆλθον (“ir para fora”, “transgredir”). Na sequência, aparecem os verbos τύπτειν (“golpear”, “ferir”) e

¹⁰ Na sociedade grega, o lar (οἶκος) era dividido entre gineceu (γυναικωνίτιν), espaço reservado apenas para as mulheres, e o androceu (ἀνδρωνίτις), reservado apenas para os homens.

ἐπεχείρησεν (“tentar”, “empreender”), que evidencia o início de mais uma agressão de Símon, não mais dentro de casa, e sim fora. Essa agressão é intensificada após a reação da vítima: “[...] e, quando o afastei, ele ao ter recuado lançou pedras em mim” (“[...] ἐπειδὴ δὲ αὐτὸν ἡμυνάμην, ἐκστάς ἔβαλλέ με λίθοις”) (Pl. *Lys.* 8).

Os verbos que destacam essas ações simultâneas são ἡμυνάμην (“afastar”, “defender”) e são apresentados na primeira pessoa do singular do aoristo indicativo, ou seja, quem se afastou ou se defendeu foi o mesmo que descreveu aquelas ações, evidenciando-se como vítima. Logo em seguida, alguns verbos são empregados para expressar as ações de Símon: ἐκστάς (“afastar”, “recuar”) e ἔβαλλέ (“lançar”). O complemento desse verbo é o dativo λίθοις (“pedras”), o que evidencia a arma utilizada para ferir o indivíduo, passando a não mais feri-lo com as mãos, mas com pedras. Para dar mais crédito ao seu discurso, relata ainda um ferimento como prova irrefutável da culpa atribuída ao seu opositor: “[...] no entanto, a mim não conseguiu acertar, mas Aristócrito que veio com ele contra mim, foi atingido por uma pedra que lhe cortou a testa” (“[...] καὶ ἐμοῦ μὲν ἀμαρτάνει, Ἀριστοκρίτου δέ, ὃς παρ’ ἐμὲ ἦλθε μετ’ αὐτοῦ, βαλὼν λίθω συντρίβει τὸ μέτωπον”) (Pl. *Lys.* 8). A descrição do evento é rápida, mas contém detalhes interessantes: a abrupta violência, a movimentação, o malogro em acertar o alvo. O orador traz a clareza perceptiva das suas palavras e, a partir disso, presume-se que ele possibilita ao ouvinte uma vividez imagética das ações narradas.

No decorrer de seu discurso de defesa, o orador apresenta outras provas contra Símon: “[...] e, enquanto aqueles almoçavam e bebiam, colocaram vigias em cima do telhado, com a finalidade de que, quando o juvenzinho saísse, eles o raptassem” (“[...] καὶ οὗτοι μὲν ἡρίστων καὶ ἔπινον, φύλακας δὲ κατέστησαν ἐπὶ τοῦ τέγους, ἵν’ ὅποτε ἐξέλθοι τὸ μειράκιον, εἰσαρπάσειαν αὐτόν”) (Pl. *Lys.* 11). O orador preocupa-se em relatar o acontecido, ao discorrer sobre cada momento do episódio, desde o plano de agressão maquinado por Símon até a execução de suas ações. Primeiro, o orador descreve ações simultâneas, através dos verbos ἡρίστων (“almoçavam”) e ἔπινον (“bebiam”), ambos apresentados na terceira pessoa do plural do imperfeito. Esses verbos transmitem uma ideia de comemoração entre amigos, mas, ao observar as ações subsequentes, entende-se o motivo dessa comemoração: estavam planejando um crime. Essas ações foram expressas pelos verbos κατέστησαν (“colocar”, “dispor”), apresentados na terceira pessoa do plural do aspecto aoristo optativo; o verbo ἐξέλθοι (“sair”, “passar”), na terceira pessoa do singular do aoristo; e, em seguida, a expressão εἰσαρπάσειαν αὐτόν (“eles o raptassem”), também apresentada na terceira pessoa do plural, fazendo referência a Símon e seus companheiros,

para evidenciar que ele não agiu sozinho, mas arranhou cúmplices para executar as ações. Essas orações expressam a finalidade da ação anterior e comprovam a premeditação do crime de Símon, pois, ao colocar vigias no telhado, buscava ele saber o momento certo para atacar e, assim, raptar a vítima.

Em seguida, o orador coloca-se dentro do relato, como uma vítima que não tinha noção do que estava acontecendo: “[...] Nessa ocasião, chego eu do Pireu e dirijo-me a estar com Lisímaco: mas, após termos demorado pouquíssimo tempo, partimos” (“[...] ἐν δὲ τούτῳ τῷ καιρῷ ἀφικνοῦμαι ἐγὼ ἐκ Πειραιῶς, καὶ τρέπομαι παριῶν ὡς τὸν Λυσίμαχον: ὀλίγον δὲ χρόνον διατρίψαντες ἐξερχόμεθα”) (Pl. *Lys.* 12). O acusado menciona uma testemunha e um álibi para o seu paradeiro no momento em que aqueles planejavam o ato. É perceptível o cuidado que o orador tem em falar onde e com quem estava antes da ação de seus inimigos, para evidenciar que havia uma testemunha; a todo momento ele esteve com Lisímaco. Para isso, ele emprega a expressão “καὶ τρέπομαι παριῶν ὡς τὸν Λυσίμαχον”. Os verbos empregados nessa expressão são *τρέπομαι* (“dirigir-se a estar”) e *παριῶν* (“estar com”, “encontrar com”). Embora esta seja uma breve construção com duas orações, ela passa informações importantes, como situações contínuas de alguém que estava despreocupado, sem nenhuma intenção de violência, assim como marca o período de tempo de cada uma dessas situações. A partir disso, presume-se que a finalidade do orador era trazer à mente dos ouvintes a imagem do encontro se desenrolando naquele momento. Com essa informação, ele busca eliminar qualquer acusação sobre si de um crime premeditado, já que estava agindo de maneira despreocupada em seu momento de ócio, na casa de um amigo.

Na sequência, ele relata como ocorreu o crime após terem saído da casa de Lisímaco: “[...] já bêbados, eles saltaram contra nós. Alguns dos que estavam com ele não quiseram cometer o erro; mas Símon, Teófilo, Protarco e Autocles agarraram com violência o rapaz. Então ele, largando o manto, foi embora em fuga” (“[...] οὗτοι δ' ἤδη μεθύοντες ἐκπηδῶσιν ἐφ' ἡμᾶς καὶ οἱ μὲν τινες αὐτῷ τῶν παραγενομένων οὐκ ἠθέλησαν συνεξαμαρτεῖν, Σίμων δὲ οὐτοσί καὶ Θεόφιλος καὶ Πρώταρχος καὶ Αὐτοκλῆς εἶλκον τὸ μειράκιον. ὁ δὲ ῥίψας τὸ ἱμάτιον ὥχετο φεύγων”) (Pl. *Lys.* 12). O primeiro verbo empregado pelo orador destaca o estado dos atuantes decorrente da comemoração feita no momento em que planejavam o ato; agora eles estavam *bêbados* (*μεθύοντες*). Dessa forma, presume-se que o orador busca transmitir aos ouvintes confiança em suas palavras, pois as ações coléricas daqueles eram condizentes com o comportamento de alguém que está sob a influência de álcool.

Além disso, o orador ainda menciona que o culpado não agiu sozinho e além de planejar o crime, ainda levou ajudantes e cúmplices para executar tal ação. As ações simultâneas descritas são expressas pelo verbo “saltaram” (*ἐκπηδῶσιν*) e têm como complemento o acusativo *ἐφ’ ἡμᾶς* (“sobre nós”). Através desse acusativo, o orador destaca a si mesmo e ao jovem como vítimas. Em seguida, os verbos *παραγενομένων* (“estavam junto de”), *ἠθέλησαν* (“querer”, “desejar”, “consentir”) e *συνεξαμαρτεῖν* (“enganar”, “cometer o crime”), apresentados na terceira pessoa do plural, transmitem a ideia de que até mesmo alguns dos que estavam com Símon reprovaram suas atitudes. Dando continuidade ao argumento, o orador traz uma oração coordenada adversativa para relatar que nem todos se opuseram à atitude criminosa e destaca os culpados e ações que os incriminam: “mas Símon, Teófilo, Protarco e Autocles agarraram com violência o jovem” (*Σίμων δὲ οὐτοσί καὶ Θεόφιλος καὶ Πρώταρχος καὶ Αὐτοκλῆς εἴλκον τὸ μειράκιον*). O verbo que destaca essa ação é o imperfeito *εἴλκον* (“arrastar”, “puxar com violência”, “agarrar”), e transmite a ideia de uma ação não apenas desconfortável para o jovem, mas criminosa aos olhos de todos os ouvintes, em especial aos do júri.

Por fim, o narrador expõe a reação do juvenzinho com relação à tentativa de sequestro: “mas o garoto tendo escapado, se livrando do manto, conseguiu fugir” (*ὁ δὲ ῥίψας τὸ ἱμάτιον ὥχeto φεύγων*). Assim, o acusado novamente retoma o papel de Teófilo apenas como o lesado da situação, visto que sua atitude foi de fugir (*ὥχeto φεύγων*) para se livrar das mãos de seus agressores, deixando para trás um objeto que serviria de prova: o manto (*τὸ ἱμάτιον*). Por essa cena ser tão rica em vividez, presume-se que o propósito do acusado, ao descrevê-la, era o mesmo propósito descrito por Aristóteles na *Retórica* (III, 11, 1411b), o de *pôr sob os olhos* (*πρὸ ὀμμάτων ποιεῖν*), ou seja, fazer os ouvintes visualizarem todas as ações: a agressão, o desespero do jovem tentando livrar-se dos seus agressores e, ao conseguir, soltar-se das mãos daqueles, fugir despido.

O acusado continua seu argumento e apresenta mais ações de insistência de Símon em importunar suas vítimas: “e eu, crente que ele escaparia, e ao menos, quando os homens que corriam encontrassem com este se afastariam por vergonha – tendo em mente isto, parti por outro caminho” (*[...] ἐγὼ δὲ ἡγούμενος ἐκεῖνον μὲν ἐκφεύξεσθαι, τούτους δ’, ἐπειδὴ τάχιστα ἐντύχοιεν ἀνθρώποις, αἰσχυνομένους ἀποτρέψεσθαι – ταῦτα διανοηθεὶς ἐτέραν ὁδὸν ὠχόμεν ἀπιών*) (Pl. *Lys.* 13). O orador emprega, primeiro, o particípio presente *ἡγούμενος* (“considerar”, “acreditar”), que, junto ao pronome pessoal da primeira pessoa do singular *ἐγώ*, retrata o pensamento ingênuo do orador com relação às ações daqueles que buscavam

importuná-lo. A construção que complementa o pensamento dele é formada por várias orações. A primeira oração foi expressa pelo verbo *ἐκφεύξεσθαι* (“escapar”, “fugir”); logo após vem *ἐντύχοιεν* (“cruzar”, “encontrar”), apresentado na terceira pessoa do plural do aoristo optativo para se referir aos homens que estavam executando os atos. A oração seguinte, apresentada pelo verbo *ἀποτρέψεσθαι* (“afastar”, “retornar”), que, junto ao particípio *αἰσχυνομένους* (“ter vergonha”), comprova ainda mais essa ingenuidade do orador, que acreditava que os agressores sentiriam vergonha de seus atos e desistiriam de perseguir o rapaz.

Para finalizar essa parte do testemunho, ele lança um comentário apelativo sobre seu pensamento com relação às atitudes de Símon e seus companheiros: “[...] eu os observava com cuidado, pois considerava tudo que estava sendo produzido (causado) por esses concidadãos um grande infortúnio para mim” (“[...] οὕτω σφόδρ’ αὐτοὺς ἐφυλαττόμην, καὶ πάντα τὰ ὑπὸ τούτων γιγνόμενα μεγάλην ἑμαυτῷ συμφορὰν ἐνόμιζον”) (Pl. *Lys.* 13). Com esse comentário, ele busca levar o júri a refletir sobre o sofrimento que ele passou junto ao jovem, sofrimento causado por Símon e seus aliados. Para isso, ele faz uso do verbo *ἐνόμιζον* (“considerar”, “ter em mente”, “reconhecer”). Esse verbo tem como complemento o acusativo *συμφορὰν* (“infortúnio”) e junto a este apresenta o dativo *ἑμαυτῷ* (“para mim”) como complemento nominal. Desse modo, o orador busca atingir o *páthos* de sua audiência, a fim de anular as acusações sobre si e direcioná-las a Símon e seus companheiros.

Conclusão

Portanto, a partir do que foi argumentado, pode-se inferir que o uso da técnica *enárgeia* no discurso fez-se necessário para que o acusado pudesse atingir o *páthos* dos seus ouvintes, ao descrever detalhadamente as ações de seu oponente. A partir disso, presume-se que a intenção do orador era transmitir insuspeição com relação ao seu testemunho. Essa técnica, seja quando empregada nos discursos forenses, nos quais buscava-se trazer credibilidade tanto aos argumentos de defesa quanto aos de acusação a fim de convencer o júri, seja nos textos trágicos, já era bem desenvolvida. Em termos de poesia, ela encontra-se também nos poemas épicos, em que se buscava cativar o ouvinte enaltecendo os elementos presentes na narração, como no exemplo da descrição do escudo de Aquiles, no canto XVIII da *Ilíada*.

Em conclusão, percebe-se, através desta pesquisa, que havia um certo interesse na utilização desse recurso nos discursos retóricos, já que o poder imagético da *enárgeia* buscava pôr diante dos olhos dos receptores o que era dito, presentifi-

cando ações, objetos e pessoas. Essa técnica era utilizada desde o Período Arcaico da Grécia em poemas e discursos com a finalidade de produzir imagens a partir de palavras. Ainda que tenha sido conceituada posteriormente nos manuais de retórica, o emprego dela já tinha o objetivo de perfazer a representação vivaz do que estava sendo relatado. Por isso, nota-se o emprego delas tanto em textos filosóficos e historiográficos quanto poéticos, pois convencer o leitor ou ouvinte com esse recurso era um dos objetivos do orador.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado como um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulado “Práticas Discursivas na Grécia dos Séculos IV-V”, sob a orientação do professor e doutor Marco Valério Classe Colonnelli.

Referências

- AMOSSY, Ruth. Nouvelle Rhétorique et Linguistique du Discours. In: KOREN, R.; AMOSSY, R. (orgs.). *Après Perelman: Quelles Politiques pour les Nouvelles Rhétoriques?* Paris: L'Harmattan, 2002.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- ARISTOTLE. *Poétique*. Texte Établi et Traduit par J. Hardy (ed.). Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- ARISTOTLE. *Poetics*. Translated, with an Introduction, by Gerald F. Else. 28. ed. Michigan: University of Michigan Press, 2012.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1971.
- ARISTOTELIS. *Ars Rhetorica*. Recognovit brevique Adnotatione Critica instruxit W. D. Ross. Oxford: Oxford University Press, 1959.
- ARDUINI, S. & DAMIANI, M. *Dizionario di Retorica*. Covilhã: LabCom Books, 2010.
- BERISTÁIN, H. *Diccionario de Retórica y Poética*. Ciudad de México: Ed. Porrúa, 1995.
- CICERO. *Rhetórica ad Herennium*. Translated by H. Caplan. Cambridge: Havard University Press, 1999. (Col. The Loeb Classical Library).
- CICERO. *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

- COLONNELLI, M. Caracterização Estática e Dinâmica no Édipo Tirano de Sófocles. 2015. 288 f. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- COLONNELLI, M. *Caráter, Ação e Discurso na Poética de Aristóteles*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.
- COLONNELLI, M. Cena de caracteres na épica arcaica e na tragédia grega clássica. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 19 (3), p. 510-524, set.-dez. 2017.
- COLONNELLI, Marco. *Pathos: Entre Ação e Discurso no Édipo Tirano de Sófocles*. *Humanitas*, Coimbra, V. 71, p. 9-37, 2018.
- DEZOTTI, M.; MALHADAS, D.; NEVES, M. *Dicionário Greco-Português*. São Paulo: Ed. Mnema, 2022.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. Brasília: Fae, 1994.
- HALICARNASSUS, Dionysius. *Lísias*. Hermann Usener, 1899.
- DEVAMBEZ, P.; FLACELIÈRE, R.; SCHUHL, P.-M.; MARTIN, R. (org.). *Dictionnaire de la Civilisation Grecque*. Paris: Fernand Hazan, 1966.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Schwarcz, 2006.
- HOMERO. *Ilíada*. Texto crítico, traducción y notas por Luis M. Macía Aparicio. Madrid: Editorial CSIC, v. I, II, III y IV, 2007.
- LAUSBERG, H. *Elementos da retórica literária*. Lisboa: Gulbenkian, 1966.
- LYSIAS. *Discours (I-XV)*. Texte établi et Traduit par Louis Gernet et Marcel Bizos. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- PLATO. *Phaedo*. Transl. by H. N. Fowler. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1966.
- PLATÃO. 1972. *Diálogos*: “O Banquete”, “Fédon”, “Sofista”, “Político”. São Paulo: Nova Cultural, 1972.
- PLATÓN. *Diálogos*: “Parménides”, “Teeteto”, “Sofista”, “Político”. Madrid: Gredos, 1988.
- PLATON. *Oeuvres complètes. Le Politique*. Vol. IX, Paris: Les Belles Lettres, 1935.
- PLATO. *Republic: Books*. With an English Translation by Paul Shorey. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1942. (VI-X v.).
- QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*. Translated from Latim by Butler. London: William Heinemann Ltd., I and II v., 1966.

SOARES, M. T. M. *Ekphrasis e Enargeia* na Historiografia de Tucídides e no Pensamento Filosófico de Paul Ricoeur. *Talia Dixit* – Revista Interdisciplinar de Retórica e Historiografia, V. 6, 2011. p. 1-23.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Assela Alamillo. Madrid: Gredos, 1981.

SOPHOCLES. *Oidipous Tyrannus*. Commentary: J. Rusten. Pennsylvania: Bryn Mawr, 1990.

THÉON, A. *Progymnasmata*. Texte Établi et Traduit par Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

TODD, S.C. *A Commentary on Lysias, Speeches 1-11*. New York: Oxford University Press, 2007.

Submetido em: 31/05/2025

Aprovado em: 16/01/2026